

JOHN STOTT

POR QUE SOU CRISTÃO

TRADUÇÃO
Jorge Camargo



Copyright © John R W Stott, 2003
Publicado originalmente por Inter-Varsity Press,
Leicester, United Kingdom.
Título original em inglês: *Why I am a Christian*

Primeira Edição: *Setembro de 2004*

Revisão: *Bernadete Ribeiro*

Capa: *Magno Paganelli*



PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

S888p
2004

Stott, John, 1921-
Por que sou cristão. / John Stott ; tradução Jorge Camargo. —
Viçosa, MG : Ultimato, 2004.
152p.

Tradução de: *Why I am a Christian*.
Inclui referência bibliográfica.

ISBN 85-86539-75-9

1. Cristianismo. 2. Stott, John - Biografia I. Título.

CDD 20.ed.230

*Dedicado à memória de Cano Miles Thomson,
reitor da St Nicholas' Church,
em Sevenoaks, Kent, Inglaterra (1987–2000)
e um bom soldado de Jesus Cristo.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
1. O CÃO DE CAÇA DO CÉU	15
2. AS AFIRMAÇÕES DE JESUS	37
3. A CRUZ DE CRISTO	53
4. O PARADOXO DA NOSSA HUMANIDADE	71
5. A CHAVE PARA A LIBERDADE	89
6. A REALIZAÇÃO DE NOSSAS ASPIRAÇÕES	105
7. O MAIOR DE TODOS OS CONVITES	127
NOTAS	147

PREFÁCIO

FOI EM 6 DE MARÇO de 1927 que Bertrand Russell fez uma palestra pública no Battersea Town Hall, no sul de Londres, intitulada “Por que *não* sou cristão”. Ela foi um sucesso na época, em parte, por causa da conhecida eloquência do orador e, em parte, por causa de sua absoluta transparência. Trinta anos depois, essa palestra foi publicada em uma coletânea de seus escritos. Foi o capítulo um que deu título ao livro.¹

No prefácio, Bertrand Russell escreveu: “Eu penso que todas as grandes religiões do mundo... são inverídicas e danosas” (p. 11). Embora tenha tido alguma dificuldade em definir o tipo de “cristão” que declarou não ser, ele conseguiu demolir, para sua satisfação, os argumentos tradicionais relacionados à existência de Deus.

Ao escrever este pequeno livro intitulado *Por Que Sou Cristão*, não tenho a intenção de rebater os argumentos de Earl Russell ponto a ponto, pois reconheço seu brilhantismo como matemático-filósofo ganhador do prêmio Nobel de literatura e defensor da lógica e da liberdade. Mas reconheço também que há uma defesa a ser feita em prol do cristianismo que Bertrand Russell nem sequer considerou.

Sou grato a Richard Bewes, vigário da All Souls Church, em Londres, por ter me convidado em 1986 para pregar quatro sermões sobre esse assunto. Entre aqueles que mais tarde escutaram as fitas está meu amigo, o falecido Miles Thomson, que foi vigário da St. Nicholas Church, em Sevenoaks. Ele insistiu para que eu transformasse esses quatro sermões em livro, acrescentando-lhes um ou dois capítulos. Esse livro, ele escreveu na época, “ofereceria uma introdução mais completa que qualquer dos livretos disponíveis. Ao mesmo tempo, ele não seria tão pesado ou tão volumoso para um questionador genuíno que queira pensar profundamente sobre as implicações de se tornar cristão”.

Assim, tendo cedido à insistência de Miles Thomson, dedico esta modesta peça literária à sua memória. *Milès* é a palavra latina para “soldado”, e Miles foi um bom soldado de Jesus Cristo.

Agradeço aos meus amigos Paul Weston e Roger Simpson por terem lido o manuscrito deste livro.

Eles fizeram várias sugestões, a maioria das quais eu adotei. Agradeço também a Stephanie Heald, editora da Inter-Varsity Press, pela atenção aos detalhes. Além disso, sou extremamente grato a Francis Whitehead, minha secretária por quarenta e sete anos, por mais um texto irrepreensível.

Confesso que emprestei livremente a este texto o que escrevi em outros contextos, especialmente em *The Contemporary Christian* (Um cristão contemporâneo).² Mas amigos e editores me asseguraram que esse empréstimo não importa, uma vez que minha declaração pessoal ou minha história neste livro pode ficar em pé com as próprias pernas.

John Stott
Ano-Novo de 2003

Pois o Filho do Homem veio buscar e
salvar o que estava perdido.

LUCAS 19.10

CAPÍTULO 1

O CÃO DE CAÇA DO CÉU

A FACILIDADE PARA VIAJAR e a mídia eletrônica têm nos deixado todos (como nunca antes) cientes da multiplicidade de religiões no mundo. Se é assim, como é que podemos decidir entre elas? Há uma verdadeira Babel de vozes competindo por nossa atenção. A qual delas escutaremos? Somos apresentados a um verdadeiro *buffet* religioso. Que pratos escolheremos? Todas as religiões não levam a Deus?

É contra esse pano de fundo pluralista que eu quero responder à pergunta: “Por que sou cristão?” Alguns leitores esperarão que eu responda assim: “Sou cristão porque por acaso nasci num país

de maioria cristã. Meus pais eram cristãos nominais, fui para uma escola de base cristã e recebi uma educação cristã básica”. Em outras palavras, foram as circunstâncias de meu nascimento, meus pais e minha educação que determinaram o fato de eu ser cristão. Isso, claro, é perfeitamente verdadeiro, mas é apenas parte da verdade. E eu poderia ter repudiado minha herança cristã. Muitas pessoas o fazem. Além disso, há muitos outros que não tiveram uma educação cristã e se tornaram cristãos. Assim, essa não é a resposta completa.

Outros podem esperar que eu responda algo assim: “Em 13 de fevereiro de 1938, perto de completar 17 anos, fiz uma decisão por Cristo. Ouvi um pregador falando sobre a pergunta de Pilatos: ‘o que farei com Jesus, chamado o Cristo?’ Até aquele instante eu não sabia que eu tinha algo a ver com Jesus, que é chamado o Cristo. Mas, em resposta às minhas perguntas, o pregador mostrou os passos que conduzem a Cristo. Em particular, ele chamou minha atenção para Apocalipse 3.20, que registra estas palavras de Jesus: ‘Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo’. Assim, naquela noite, ao lado de minha cama, abri a porta de minha personalidade para Cristo, convidando-o a entrar, como meu Salvador e Senhor”. Isso também é verdadeiro, mas constitui apenas um lado da verdade.

O fator mais significativo é outro, e é sobre ele que pretendo concentrar-me neste capítulo. O fato de eu ser cristão não se deve em última análise à influência de meus pais e professores, nem à minha decisão pessoal por Cristo, mas ao “Cão de Caça

do Céu”, ou seja, ao próprio Jesus Cristo, que me perseguiu incansavelmente, mesmo quando eu estava correndo dele a fim de seguir meu próprio caminho. Se não fosse pela perseguição graciosa do Cão de Caça do Céu, hoje eu estaria na lata de lixo das vidas desperdiçadas e descartadas.

FRANCIS THOMPSON

“O Cão de Caça do Céu” — esta é uma expressão notável, criada por Francis Thompson, cuja história é contada em seu poema, transcrito por R. Moffat Gautrey no livro *This Tremendous Lover* (Este amante tremendo).¹

Francis Thompson teve uma infância solitária e sem amor. Fracassou sucessivamente em suas tentativas de tornar-se sacerdote católico romano, médico (como seu pai) e soldado. Ele acabou perdido em Londres, até que um casal de cristãos reconheceu sua genialidade poética e o resgatou. Durante todos esses anos ele esteve consciente, tanto de sua busca quanto de ter sido buscado, e o expressou com mais eloquência em seu poema *O Cão de Caça do Céu*. Aqui está o início do poema:

Dele fugi, noites e dias adentro;
Dele fugi, pelos arcos dos anos;
Dele fugi, pelos caminhos dos labirintos
De minha própria mente; e no meio de lágrimas
Dele me ocultei, e sob riso incessante.
Por sobre esperanças panorâmicas corri;
E lancei-me, precipitado,

Para baixo de titânicas trevas de temores abissais,
Para longe daqueles fortes Pés que seguiam, seguiam
após mim.
Mas com desapressada perseguição,
E com inabalável ritmo,
Deliberada velocidade, majestosa urgência,
Eles marcavam os passos — e uma Voz insistia
Mais urgente que os Pés —
“Todas as coisas traem a ti, que traíste a Mim”.²

De início, R. M. Gautrey sentiu-se ofendido pelo título do poema, *O Cão de Caça do Céu*. É apropriado, ele se perguntou, comparar Deus a um cão de caça? Mas chegou à conclusão de que há bons cães de caça e maus cães de caça, e que os *collies*, que vasculham as terras altas escocesas em busca de ovelhas perdidas, são especialmente admiráveis. Ele observou também que o tema envolvendo cães que caçam ovelhas (ou, mais exatamente, de pastores que buscam por ovelhas) ocorre tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Assim, o último versículo do Salmo 23 diz:

Sei que a bondade e fidelidade me acompanharão todos
os dias da minha vida, e voltarei à casa do Senhor
enquanto eu viver.

Gautrey destaca que a palavra hebraica aqui traduzida pelo verbo brando “seguir” deveria ser traduzida mais vigorosamente; por exemplo, “bondade e misericórdia têm me caçado, assombrado, perseguido meus passos todos os dias de minha vida”.³ “Trata-se de uma caçada, de uma busca paciente, porém determinada; apaixonada, porém incansável”.⁴

O próprio Jesus tomou como exemplo a metáfora do pastor:

Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida, até encontrá-la? E quando a encontra, coloca-a alegremente nos ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: “Alegram-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida”. Eu lhes digo que, da mesma forma, haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam arrepender-se. (Lc 15.3-7)

Gautrey vê o poema dividido em cinco estrofes. A primeira ele chama de “Vôo da Alma”, pois o poeta se enxerga como um fugitivo das exigências do discipulado. A segunda é a “Busca da Alma”, na qual a alma busca satisfação em toda parte, mas não consegue encontrá-la. A terceira estrofe ele chama de “Impasse da Alma”, uma vez que o poeta descobriu que a vida sem Deus não tem significado. Na quarta estrofe, “Prisão da Alma”, ele finalmente se entrega ao amor de Cristo, que lhe diz:

Meu Deus, tu não sabes
O quão pouco digno de qualquer amor tu és!
A quem encontrarás que te ame, ignóbil,
Salva-me, salva só a mim?⁵

Em cada uma das estrofes ouvimos os passos desse “amante tremendo”, até que finalmente a caçada termina:

Tudo o que tirei de ti, obstante tirei,
Não por tuas injúrias,

Mas para que tão-somente pudesses buscá-lo em Meus braços...

Levanta-te, segura a Minha mão, e vem!⁶

Francis Thompson estava expressando o que é verdadeiro sobre cada cristão; e isso tem sido verdade em minha vida também. Se amamos a Cristo, é porque ele nos amou primeiro (1 Jo 4.19). Se somos de fato cristãos, não é porque tenhamos nos decidido

por Cristo, mas porque Cristo se decidiu por nós. É a busca desse “amante tremendo” que nos torna cristãos.

**Se amamos
a Cristo, é
porque ele
nos amou
primeiro**

Para deixar claro que a iniciativa é de Cristo, eu o convido a olhar de maneira nova comigo para a conversão de Saulo de Tarso e para as biografias de três cristãos. Então

voltarei rapidamente para nós — para mim, que estou escrevendo para você, e para você, que está lendo.

SAULO DE TARSO

A conversão de Saulo de Tarso é a mais celebrada em toda a história da igreja cristã. Algumas pessoas, no entanto, se sentem perturbadas com ela. “Eu não tive uma experiência repentina na estrada de Damasco”, dizem. Mas considere. A conversão de Saulo não foi repentina. Isso o surpreende? É claro, é verdade que de

repente uma luz brilhou no céu, ele caiu no chão e Jesus falou com ele. Mas essa intervenção imprevista não foi, de modo algum, a primeira vez em que Jesus falou com ele. Ao contrário, foi o ápice de um longo processo. Como sabemos isso? Deixe-me citar Atos 26.14: “Todos caímos por terra. Então ouvi uma voz que me dizia em aramaico: ‘Saulo, Saulo, por que você está me perseguindo? Resistir ao aguilhão só lhe trará dor!’”

A palavra grega *kentron* poderia ser traduzida como “espora”, “chicote” ou “aguilhão”. Muito freqüentemente, no grego clássico, a partir de Ésquilo, ela foi usada num sentido metafórico. Do mesmo modo, no livro de Provérbios, lemos:

O chicote é para o cavalo, o freio, para o jumento, e a vara, para as costas do tolo! (26.3)

Ao falar com Saulo, Jesus estava se comparando a um fazendeiro incitando um boi recalcitrante ou a um treinador de cavalos domando um potro selvagem. A implicação é clara. Jesus estava perseguindo, cutucando e espetando Saulo. Mas ele estava resistindo à pressão, e era difícil, doloroso e até mesmo fútil para ele resistir aos aguilhões.

Isso nos leva a uma pergunta natural. Quais eram os aguilhões com os quais Jesus Cristo estava cutucando Saulo de Tarso? Embora isso não nos tenha sido dito especificamente, podemos observar algumas evidências a partir do livro de Atos e de menções autobiográficas nas cartas do apóstolo.

1. *Jesus estava cutucando Saulo em sua mente.* Saulo havia sido educado em Jerusalém aos pés de Gamaliel, provavelmente o

professor judeu mais celebrado de todo o primeiro século da era cristã. Assim, teologicamente, Saulo tinha um ótimo conhecimento do judaísmo e, moralmente, era zeloso da Lei. De sua consciência naqueles dias, ele estava convencido de que Jesus de Nazaré não era o Messias. Para ele, era inconcebível que o Messias judeu pudesse ser rejeitado por seu próprio povo e então morrer, aparentemente debaixo da maldição de Deus, uma vez que estava escrito na Lei: “qualquer que for pendurado num madeiro está debaixo da maldição de Deus” (Dt 21.23). Não, não. Jesus deve ser um impostor. Desse modo, Saulo via como parte de sua tarefa opor-se a Jesus de Nazaré e perseguir seus seguidores. Essa era a sua convicção. Inconscientemente, no entanto, sua mente estava cheia de dúvidas por causa dos rumores que circulavam acerca de Jesus: a beleza e a autoridade de seu ensino; a humildade e a mansidão de seu caráter; seu serviço compassivo pelos pobres; seus feitos poderosos de cura; e, em especial, o rumor persistente de que sua morte não havia sido o fim, pois algumas pessoas diziam que o haviam visto e tocado, e conversado com ele após sua morte. A mente de Saulo estava em desordem.

2. *Jesus estava cutucando Saulo em sua memória.* Ele evidentemente estivera presente no julgamento, diante do Sinédrio, de um líder cristão chamado Estevão, a quem Lucas descreveu como “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6.5). Isso, então, não era rumor ou boato, pois Saulo vira com seus próprios olhos a face de Estevão brilhando como a face de um anjo (At 6.15). Ele ouvira com seus próprios ouvidos a defesa de Estevão, ao final da qual ele afirmara ver a glória de Deus e “o Filho do homem

em pé, à direita de Deus” (At 7.55,56). E, quando arrastaram Estevão para fora da cidade e o apedrejaram até a morte, colocaram suas vestes aos pés de Saulo. Lucas continua sua descrição: “Enquanto apedrejavam Estêvão, este orava: ‘Senhor Jesus, recebe o meu espírito’. Então caiu de joelhos e bradou: ‘Senhor, não os consideres culpados deste pecado’. E, tendo dito isso, adormeceu’ (At 7.59,60)

Saulo deve ter dito para si mesmo: “Há algo inexplicável a respeito desses cristãos. Eles estão convencidos de que Jesus de Nazaré é o Messias e têm a coragem de suas convicções; estão preparados para morrer por elas. Além disso, recusam-se a retaliar seus inimigos; ao contrário, oram por eles”. Jesus estava cutucando a memória de Saulo. Ele não conseguia tirar Estêvão da mente.

3. *Jesus estava cutucando Saulo em sua consciência.* Saulo era um homem extremamente piedoso, como todos os fariseus eram. Vivia uma vida irrepreensível e tinha uma reputação sem mancha. Assim como escreveu em suas cartas, no que diz respeito à justiça da Lei, ele era irrepreensível (Fp 3.6). No entanto, a piedade perfeita que ele dizia ter era uma conformidade puramente externa às exigências da Lei. Exteriormente ele havia obedecido aos preceitos e às proibições da Lei. Interiormente, no entanto, em sua consciência, ele sabia que era pecador. Ele poderia ter dito como C. S. Lewis escreveu anos mais tarde: “Pela primeira vez examinei a mim mesmo com um propósito seriamente prático. E ali encontrei o que me assustou; um bestiário de luxúrias, um hospício de ambições, um canteiro de medos, um harém de ódios mimados. Meu nome era legião”.⁷

No caso de Saulo, o último dos Dez Mandamentos o condenava. Ele poderia lidar bem com os primeiros nove porque eles tinham a ver somente com suas palavras e obras. Mas o décimo proibia a cobiça. E a cobiça não é nem uma obra nem uma palavra, mas um desejo, uma luxúria insaciável. Então, quando se deparou com aquele mandamento, ele escreveu com dramática imaginação em

Romanos 7 que a cobiça o matou.

**Ele acreditava
em Deus, mas
não o conhecia**

Eu não saberia o que é pecado, a não ser por meio da Lei. Pois, na realidade, eu não saberia o que é a cobiça, se a Lei não dissesse: “Não cobiçarás”. Mas o pecado... produziu em mim todo tipo de

desejo cobiçoso... Antes eu vivia sem a Lei, mas quando o mandamento veio, o pecado reviveu, e eu morri.

(Rm 7.7-9)

4. *Jesus estava cutucando Saulo em seu espírito.* Eu uso a palavra *espírito* em referência àquela parte de nossa composição humana que é ciente da realidade transcendente de Deus. Como um judeu, Paulo havia crido em Deus, é claro, desde a infância. Havia buscado servir a Deus na juventude com uma consciência limpa, e ainda assim sabia que estava separado do Deus em quem cria. Ele acreditava nele, mas não o conhecia. Estava alienado de Deus. Ele assim o declarou, no texto que acabei de citar: “quando o

mandamento veio... eu morri”. Mais adiante ele diz que estava “morto em suas transgressões e pecados” (Ef 2.1), estranho ao Deus doador da vida.

Estes, eu sugiro, eram os agulhões com os quais Jesus estava ferindo Saulo de Tarso e aos quais ele estava resistindo, e com os quais acabava por ferir a si mesmo. Jesus o afligia em sua mente, enchendo-o de dúvidas sobre se ele era um impostor ou não. Ele o afligia em sua memória, fazendo-o lembrar-se da face, das palavras, da dignidade e da morte de Estevão. Ele o afligia em sua consciência, condenando-o por seus desejos maus. E o afligia em seu espírito, naquele imenso vácuo de alienação. Desse modo, durante anos Jesus cutucou e picou Saulo, com o objetivo único de curá-lo. E todo o fanatismo com o qual Saulo estava perseguindo a Cristo, ao perseguir a igreja, traía sua inquietação interior. Assim, o episódio da estrada de Damasco, quando Jesus lhe apareceu, foi o clímax inesperado de um processo gradual. Saulo finalmente entregou-se àquele contra quem estava lutando e de quem estava fugindo havia muito tempo.

AGOSTINHO

Passo agora a mencionar algumas biografias cristãs e começo com o grande pai da igreja primitiva, Agostinho de Hipona. Ele nasceu no norte da África, no país que hoje chamamos de Argélia, em meados do século quarto. Ainda adolescente, vivia uma vida promíscua e dissoluta, escravizado por suas paixões. Ele escreveu em suas *Confissões*:

A lodosa concupiscência de minha carne e o manancial da puberdade levantavam-se como que uma névoa que obscureciam e ofuscavam meu coração, a ponto de não discernir a serenidade da dileção da tenebrosidade da libidine. Uma e outra abrasavam e arrastavam minha fraca idade pelo declive abrupto de meus apetites, afogando-me em um mar de torpezas.⁸

Embora razoavelmente comprometido com seus pecados, Agostinho dedicou-se também aos estudos, que o levaram primeiro a Cartago e depois a Roma e a Milão. Em sua mente, tomava lugar uma grande disputa entre o cristianismo, que àquela altura ele rejeitava, e o maniqueísmo, o qual abraçara. Nesse redemoinho de vergonha moral e confusão intelectual, ele se encontrava em extrema miséria. No entanto, por meio dessa inquietação interior de mente e consciência, e também por meio das orações e lágrimas de sua piedosa mãe, Mônica, e dos conselhos carinhosos do bispo Ambrósio de Milão, Jesus Cristo o estava por certo perseguindo.

Assim como aconteceu com Saulo de Tarso, o clímax se deu repentinamente com Agostinho de Hipona. Ele foi para o jardim anexo aos seus aposentos, acompanhado por seu amigo Alípio. Colocou-se debaixo de uma árvore e deixou que suas lágrimas rolassem livremente, enquanto clamava: “Até quando, Senhor?”

Assim falava, e eu chorava com amarguíssima contrição de meu coração. Mas eis que ouço da casa vizinha uma voz, de menino ou menina, não sei, que dizia cantando, e repetia muitas vezes: “Toma e lê, toma e lê”... Reprimindo o ímpeto das lágrimas, levantei-me. Uma

só interpretação se me oferecia: a vontade divina mandava-me abrir o livro e ler o primeiro capítulo que encontrasse... Por isso, voltei depressa para o lugar onde Alípio estava sentado, e onde eu deixara o livro do Apóstolo ao me levantar. Peguei-o, abri-o, e li em silêncio o primeiro capítulo que me caiu sob os olhos: Não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença e inveja. Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne (Rm 13.13,14).

Não quis ler mais, nem era necessário, pois, quando cheguei ao fim da frase, uma espécie de luz de segurança se infiltrou em meu coração, dissipando todas as trevas da incerteza.⁹

Agostinho atribuiu sua experiência puramente à graça, ou seja, ao favor gratuito e imerecido de Deus. Ele disse que Deus havia despertado todos os seus cinco sentidos espirituais — audição, visão, olfato, paladar e tato:

Tu me chamaste, gritaste por mim, e venceste minha surdez. Brillhaste, e teu esplendor pôs em fuga minha cegueira. Exalaste teu perfume, respirei-o, e agora suspiro por ti. Eu te saboreei, e agora sinto fome e sede. Tocaste-me, e o desejo de tua paz me inflama.¹⁰

Mas Paulo foi homem do primeiro século e Agostinho, do quarto e quinto. É hora de seguirmos adiante para o nosso próprio tempo e observar que o Cão de Caça do Céu ainda hoje está em busca de pessoas.

MALCOLM MUGGERIDGE

Malcolm Muggeridge foi uma figura famosa na segunda metade do século 20 — crítico literário, personalidade de TV e porta-voz cristão. Ele descreveu na primeira parte de sua autobiografia como, logo após haver se formado em Cambridge, passou um tempo em um lugar remoto no sul da Índia:

Eu tinha noção de que, de algum modo, além de buscar, eu estava sendo buscado. Pegadas deixadas atrás de mim; uma sombra que me seguia, um Cão de Caça do Céu, tão perto que eu podia sentir o bafo quente em meu pescoço... Eu estava em vôo também. Caçando e sendo caçado; a perseguição e o perseguido, a busca e o vôo, juntando-se por fim em uma única imanência ou luminosidade.¹¹

Muggeridge fez de sua experiência a mais dramática, ao expressá-la em um encontro, usando o pronome da segunda pessoa do singular mais íntimo, *você*:

Sim, Você estava ali, eu sei... Por mais que estivesse distante e por mais rápido que fugisse, ainda sobre meu ombro eu tinha uma rápida visão Sua no horizonte, e então fugi mais rápido para mais distante que nunca, pensando triunfantemente: agora escapei. Mas não, Você estava ali, vindo atrás de mim... É de tremer quando a fera divina da caça fica pronta para o seu bote final... Não há escape.¹²

C. S. LEWIS

Mas ninguém expressou esse sentimento da busca divina de forma mais eloqüente do que C.S. Lewis (1898-1963), a cujo relato honesto já me referi. Lewis foi professor em Oxford e em Cambridge, crítico literário, escritor de ficção infantil e apologista cristão.

Durante algum tempo antes de sua conversão, Lewis estava consciente de que Deus o perseguia. Em seu livro autobiográfico *Surpreendido pela Alegria*, ele usa diversas metáforas que ilustram isso. Primeiro, Deus foi “o grande Pescador”, brincando com seu peixe, “e eu nem sonhava que o anzol se cravara na minha língua”.¹³ A seguir, ele comparou Deus a um gato caçando um rato. “Agnósticos cordiais falam sem relutância sobre ‘o homem em busca de Deus’. Para mim, como eu pensava então, eles podiam muito bem falar sobre o rato em busca do gato”.¹⁴ Em terceiro lugar, ele comparou Deus a uma matilha de cães de caça: “A raposa fora expulsa da Floresta Hegeliana e agora corria em campo aberto... desgrenhada e exausta, os cães já no seu encalço. E quase todos agora (de uma forma ou de outra) faziam parte da matilha...”¹⁵ Finalmente, Deus foi o

Deus foi o
Divino Jogador
de Xadrez,
gradualmente
manobrando-o
para uma
posição
impossível

Divino Jogador de Xadrez, gradualmente manobrando-o para uma posição impossível. “Minhas peças estavam em posições extremamente desfavoráveis no tabuleiro. Logo já não podia acalentar nem mesmo a ilusão de que a iniciativa cabia a mim. Meu Adversário passou a desfechar seus últimos lances.”¹⁶ Assim, Lewis intitulou seu penúltimo capítulo de “Xeque-mate”.¹⁷ Ele escreveu em palavras memoráveis o momento exato de sua entrega a Cristo em Cambridge:

O leitor precisa imaginar-se sozinho naquele quarto em Magdalen, noite após noite, sentindo — sempre que minha mente se desviava um instante que fosse do trabalho — a aproximação firme e implacável d’Ele, aquele que com tanta determinação eu não desejava encontrar. Aquilo que eu temia tanto pairava afinal sobre mim. Cedi enfim no período letivo subsequente à Páscoa de 1929, admitindo que Deus era Deus, e ajoelhei-me e orei: talvez, naquela noite, o mais deprimido e relutante confesso de toda a Inglaterra. Não percebi então o que se revela hoje a coisa mais ofuscante e óbvia: a humildade divina que aceita um converso mesmo em tais circunstâncias. O Filho Pródigo afinal caminhava para casa com as próprias pernas. Mas quem é que pode respeitar de fato o Amor que abre os portões a um pródigo que é arrastado para dentro esperneando, lutando, ressentido e girando os olhos em torno, à procura de uma chance de fuga?¹⁸

Não devemos supor, no entanto, que o Cão de Caça do Céu persiga somente pessoas especiais como Saulo de Tarso, Agostinho de Hipona, Malcolm Muggeridge e C. S. Lewis. Multidões

de pessoas anônimas têm testificado por todos os séculos da cristandade o mesmo sentimento do Cristo batendo à sua porta, cutucando-as com os seus agulhões ou perseguindo-as.

Penso que eu mesmo possa testemunhar sobre isso. Na verdade, pelo fato de estar escrevendo *Por Que Sou Cristão*, não posso evitar ser pessoal nem escrever minha própria história. Olhando para trás, por toda uma longa vida, muitas vezes tenho me perguntado o que me levou a Cristo. E, como já disse, não foi minha educação nem minha escolha independente; foi o próprio Cristo batendo à minha porta, chamando-me a atenção para a sua presença do lado de fora.

Ele fez isso de duas maneiras. A primeira foi por do meu sentimento de alienação para com Deus. Eu não era um ateu.

Eu cria na existência de Deus — alguém ou alguma coisa em algum lugar, a realidade supre-

ma por trás e além de todos os fenômenos cósmicos —, mas não conseguia encontrá-lo. Eu costumava visitar uma pequena capela escura na escola que freqüentava, a fim de ler livros religiosos e recitar orações. Tudo isso não tinha proveito algum; Deus estava distante e afastado, e eu não conseguia penetrar na névoa que parecia envolvê-lo.

A segunda maneira como vi Cristo batendo em minha porta foi pelo meu senso de derrota. Com o idealismo vibrante da juventude, eu tinha uma imagem heróica da pessoa que eu

Eu abri a porta
ou ele a abriu?

queria ser — altruísta e de espírito público. Mas tinha, ao mesmo tempo, uma imagem clara de quem eu realmente era — malicioso, egoísta e orgulhoso. As duas imagens não combinavam. Eu era uma pessoa com altos ideais, mas sem a mínima disposição de alcançá-los.

Em meio a todo esse sentimento de alienação e fracasso, o Estranho à porta continuava batendo, até que o pregador que mencionei no início deste capítulo lançou luz sobre o meu dilema. Ele falou da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Explicou que Cristo havia morrido para tornar a minha alienação em reconciliação, e havia ressuscitado dos mortos para tornar a minha derrota em vitória. A correspondência entre a minha necessidade subjetiva e a oferta objetiva de Cristo parecia muita próxima para ser uma coincidência. As batidas de Cristo em minha porta tornaram-se mais altas e mais insistentes. Eu abri a porta ou ele a abriu? De fato eu a abri, mas somente a sua persistência tornou isso possível e até mesmo inevitável.

Eu contei a você a minha história e me pergunto como é a sua. Jesus nos assegura em suas parábolas que, quer estejamos conscientemente buscando a Deus, quer não, ele com certeza está nos buscando. Cristo é como uma mulher que varre a sua casa em busca de uma moeda perdida; é como um pastor que se arrisca nos perigos do deserto em busca de apenas uma ovelha que se perdeu; e é como um pai que sente saudades de seu filho pródigo e deixa que ele experimente as amarguras de seus desatinos, mas que está pronto, a todo momento, para correr e encontrá-lo, e dar-lhe as boas-vindas de volta ao lar.

Estou convencido de que em algum momento de nossa vida sentimos o cutucão de Jesus Cristo e o ouvimos bater na porta, embora não reconheçamos o que aconteceu. Há muitas maneiras diferentes como ele nos busca, nos persegue e nos adverte quando estamos no caminho errado, seguindo na direção equivocada.

Pode ser por meio de um sentimento de culpa e vergonha, quando lembramos de algo que pensamos, dissemos ou fizemos e ficamos horrorizados com as profundezas de depravação nas quais somos capazes de afundar. Ou pode ser por meio da fossa escura da depressão, ou do vazio do desespero existencial, no qual nada faz sentido e tudo é absurdo. Ou, ainda, pode ser pelo medo da morte e do julgamento depois dela.

Podemos positivamente, de tempos e tempos, ficar maravilhados com o delicado equilíbrio da natureza, ou com algo maravilhoso para o ouvido, os olhos ou o toque. Ou, ainda, podemos experimentar o êxtase do amor imerecido ou a dor aguda do amor não-correspondido, porque sabemos instintivamente que o amor é a maior de todas as coisas no mundo. É em momentos como esses que Jesus Cristo se aproxima de nós e usa a sua mão para bater à porta ou para cutucar.

Se nos tornarmos cientes da incansável busca de Cristo, desistirmos de tentar escapar dele e nos entregarmos ao abraço desse “amante tremendo”, não haverá espaço para ostentação em relação àquilo que fazemos, mas somente para uma profunda ação de graças por sua graça e misericórdia, e para a firme resolução de passar o tempo e a eternidade a seu serviço.